

## Traçados Indefinidos: as Fronteiras da Europa

**Patrícia Calca**

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa (Mestranda)

---

A ideia que temos das fronteiras, das físicas e das ideológicas, das geopolíticas e das económicas, altera-se, hoje, a uma velocidade crescente. Enquanto que a geografia não muda tão rapidamente, a geopolítica e a estratégia de actuação dos Estados, vítimas de um desgaste na sua acepção de soberania, vêm-se confrontados com alterações incontornáveis.

A realidade a que se chamou União Europeia goza das mesmas características, das vulnerabilidades e as forças, que a maioria dos Estados, ainda que não dos Estados-nação. As Relações Internacionais, absolutamente necessárias neste mundo ainda de Estados e/ou de organizações estatais, tornam-se, cada vez mais, em estruturas circulares e redes de informações/relações.

E ainda que, a globalização das redes e da realidade “sem fronteiras” chame ao mundo o palco principal, continuam a ser os blocos associativos de países, os actores da cena internacional. Aqui, onde a uniformização do global impera, criam-se novas sinergias a que o termo de Toffler, glocalização, e a ideia de Morin, cidadania glocal, não são alheios nem inaplicáveis. Pelo contrário, as noções de Sociedade Civil, tão caras a Gramsci ou a Dahl, nas suas imensas diferenças, e as ideias apregoadas por Putnam sobre Capital Social, emolduram as características da diferenciação local e regional, das especificidades da tradição.

Num mundo onde as dissemelhanças são muitas, aquelas que se prendem com a língua, a linguagem, a cultura e a religião, continuam a actuar na complexidade das relações humanas, e logo, entre as suas sociedades e por conseguinte entre os seus Estados. A segurança e a insegurança, hoje e mais do que nunca, mediatizada, vêm à tona graças a essas diversidades e em resultado dessas inter-relações.

Estando Portugal na Europa, mais concretamente na União Europeia, quais são, efectivamente, as suas fronteiras? São as da UE? São as fronteiras do velho continente, ou seja como De Gaulle afirmava “do Atlântico aos Urais”? São as fronteiras das línguas e as das culturas, as da “civilização”? Onde ficam os Balcãs neste espectro fronteiriço, e o Cáucaso, ou a Rússia e a Turquia?

Muitas são as questões que podemos levantar sobre as fronteiras da UE, as ideias de espaço geográfico por contraposição ao modelo civilizacional, ou a diferença entre espaço económico em vez de projecto político, e ainda, de uma nova realidade histórica ou de uma ideia filosófica.

A União é hoje diferente das concepções de Jean Monnet e de Schuman, a ideia de Europa que se comemora todos os anos no dia nove de Maio não é, nos nossos dias, o que foi. Actualmente a política de segurança é central e o alargamento a um agregado de países, a carta dos direitos fundamentais, estes e outros factores fazem com que esta realidade abstracta seja de uma complexidade profunda.

Agora, mais do que nunca, a ideia de Barry Buzan no seu livro *People, States and Fear* do Complexo de Segurança Regional, em que a região e um determinado conjunto de Estados se interligam e estabelecem relações de segurança, encaixam na perfeição na ideia de União Europeia.

Mas que fronteiras são estas? As físicas e as outras. Aquelas que se baseiam em redes de índole variada alicerçadas na Internet e nas novas tecnologias, em antigas solidariedades ou em novas. Redes essas, em que as multinacionais de diversa natureza, económica e outras, os mass media, o crime e o terrorismo geradores de insegurança, as máfias e os

tráficos, as dependências energéticas e as diferentes associações, se posicionam e transmutam, tornam-se materiais em variadas correntes e realidades significativas.

Numa União que se defronta com estas existências, só poderemos apelar à vontade política, àquela que vai contra a força do caudal extremista e extremada, àquela que apela aos valores tão europeus dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Cabe à UE dar o exemplo, não o de superioridade civilizacional mas o da primazia do humano sobre tudo o resto, sobre as noções económicas e as questões culturais.

E parece-nos, no aqui e no agora que as palavras de Arnold Toynbee são actuais ainda que não recentes. Tão encaixáveis nesta União Europeia, a cujas questões não temos respostas únicas: ‘ao passo que os mapas político e económico foram ocidentalizados, o mapa cultural continua a ser o que era antes de a nossa sociedade ocidental se lançar na conquista económica e político’ (Arnold Toynbee, *Um Estudo de História*, Editora Ulisseia Limitada, 1962: 32.). E disto não nos podemos esquecer.